


Histórias de mulheres como narrativas identitárias:

considerações teóricas e metodológicas¹

 Ana Carolina Escosteguy ²
Helen Garcez Braun ³

Resumo

O objetivo é explorar uma abordagem que contemple a interação dos sujeitos com a mídia, sem delimitá-la a um momento determinado, escapando da armadilha dos estudos circunscritos à produção, ao texto ou ao consumo. Na pesquisa empírica foram coletadas histórias de mulheres trabalhadoras, sem imposição do tema da mídia, na tentativa de capturar sua presença fluída e penetrante na construção de subjetividades. O resultado obtido está composto por narrativas identitárias, reveladoras de um modo específico de ser que se constitui no próprio ato do relato, mas que não deixa de estar atravessado por fatores materiais e culturais, entre eles, a própria mídia.

Palavras-chave: Mulheres; narrativas identitárias; metodologia

Resúmen

El objetivo es explorar una perspectiva teórica que contemple la interacción de los sujetos con los medios, pero sin limitarla a un momento determinado. La intención es escapar del sesgo de los estudios que investigan la producción, el texto o el consumo, cada uno en separado. La investigación empírica está constituida por historias de mujeres trabajadoras, sin imponerles el tema de los medios. La intención es capturar la presencia fluída y profunda de los medios en la formación de las subjetividades. El resultado obtenido es compuesto por narrativas identitarias que revelan un modo específico de ser que se forma en el propio acto del relato pero que, aún así, está sulcado por factores materiales y culturales, entre ellos, los propios medios.

Palabras clave: Mujeres; narrativas identitarias; metodología

Abstract

Our aim is to expand the landscape of media research, assuming a perspective that incorporates the interaction between individuals and media, without researching a specific phase of the communication process: production, text or consumption.

¹ Uma primeira versão deste trabalho, intitulada “Narrativas identitárias de mulheres: considerações teóricas e metodológicas”, foi apresentada no GT de Teorias e Metodologias da Pesquisa em Comunicação, no IX Congresso Latino-americano de Investigadores da Comunicação – ALAIC, Montevideu, maio/2012.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUCRS; pesquisadora do CNPq.
E-mail: carolad@pucrs.br

³ Jornalista e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS.
e-mail: braun.helen@gmail.com

Within empirical research we have gathered women workers' stories, without asking them about the importance of media in their lives. After the field work, the identities narratives reveal the individual relationships to the wider material and cultural formation, mainly, with the media.

⁴ A escolha desse grupo está relacionada ao fato de que a presente investigação está inserida no projeto "A visibilidade da vida ordinária de mulheres destituídas na mídia" (CNPq).

Keywords: women; identitarian narratives; methodology

Introdução

(...) Ela é uma pessoa
e nada a fará
desistir da vida.
Nem o sol de inferno
a terra ressequida
a falta de amor
a falta de comida.
É mulher é mãe:
rainha da vida. (...)
Ferreira Gullar

O ponto de partida de nossa pesquisa pressupõe a convergência das seguintes ideias: não existe uma única resposta para a questão sobre as transformações da mídia sobre a vida social; tais alterações não podem ser pensadas como decorrência direta de sua ação, portanto, implicando um direcionamento de mão única. Além disso, parte-se da premissa de que os estudos da mídia circunscritos à produção, ao texto ou ao consumo, constituem-se em visões compartimentadas e não dão conta da complexidade do processo anteriormente referido.

Como nos diz Bird (2003, p. 93),

numa cultura saturada pela mídia, não é mais possível separar os 'efeitos' de uma mídia particular (se é que isso foi viável em algum momento) e o objetivo deve ser alcançar uma compreensão mais holística e antropológica de como as visões de mundo das pessoas são padronizadas pela mídia e como a mídia está inserida na vida cotidiana delas.

A pretensão aqui é seguir essa pista, apresentando algumas anotações teóricas que estão em sintonia com essas ideias, embora neste momento tal abordagem teórica não seja propriamente objeto de discussão deste artigo.

Articulado a esse enquadramento teórico, exploramos uma estratégia metodológica composta por entrevistas biográficas (BEAUD; WEBER, 2007), na tentativa de viabilizar uma pesquisa empírica amparada nos pressupostos mais gerais recém mencionados. O resultado obtido mediante essa técnica é o que estamos denominando de narrativas identitárias. Essas são configuradas pelo modo como o indivíduo confere sentido às suas experiências, numa interação concreta e específica onde é instigado a "contar sua vida". Assim, colhemos histórias de vida de um determinado grupo social, composto por mulheres trabalhadoras em serviços de embelezamento⁴

Ainda que neste estágio não seja possível apresentar conclusões, consideramos que as narrativas identitárias podem revelar que os entrecruzamentos entre indivíduos e mídia são indicativos de processos culturais maiores e mais abrangentes, bem como capturar a presença fluida e penetrante da mídia na construção de subjetividades. Isso porque tais relatos não apenas reportam ou descrevem experiências individuais, mas conformam os modos de ser. Por sua vez, esses últimos são constituídos pelo atravessamento de convenções culturais, sobretudo, presentes na mídia e utilizadas nas narrações, e de fatores materiais onde estão socialmente fundados.

Anotações teóricas

Vivemos num mundo saturado pela mídia ou “de ubiquidade invasiva da mídia” (SILVERSTONE, 2005, p. 191), isto é, sua presença se alastra em todos os níveis do processo social, conectando-se inclusive com a produção de subjetividades. Isso pressupõe reconhecer e compreender “a fluidez com a qual a mídia age no domínio da cultura” (BIRD, 2010a, p.3). Essa ideia tem profundas conexões com a proposição teórica das mediações, de Jesús Martín-Barbero, embora essa, originalmente pelas circunstâncias históricas e teóricas da América Latina, tenha sido associada apenas com a ampliação do nosso entendimento dos processos de recepção e consumo. De toda forma, para o autor espanhol-colombiano, os processos de comunicação são “fenômenos de produção de identidade, de reconstituição de sujeitos, de atores sociais” e os meios de comunicação “não são um puro fenômeno comercial, não são um puro fenômeno de manipulação ideológica, são um fenômeno cultural através do qual a pessoa ou muitas pessoas (...) vivem a constituição do sentido de sua vida” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 71).

Nos termos de Silverstone (2005, p. 189), que reconhece a compreensão de Martín-Barbero como próxima à sua, os processos de comunicação precisam ser investigados “tanto institucional quanto tecnologicamente dirigidos e encaixados”, por isso, mediação “[...] requer o entendimento de como processos de comunicação alteram o ambiente social e cultural que lhes dão suporte como também as relações que os participantes, tanto individuais quanto institucionais, têm com esse ambiente e entre eles”.

O que se busca, com o recorte que aqui se apresenta da pesquisa em andamento, é destacar a construção social do indivíduo. Nas palavras de Couldry (2000, p. 44), “o *self* individual é formado dentro da cultura e com base em recursos culturais compartilhados”. Assumir essa perspectiva requer, conforme o autor, um horizonte mais amplo onde estejam incluídas as consequências de longo alcance de vivermos num cenário entranhado pela mídia. “Um mundo saturado pela mídia é um mundo onde as ações orientadas à mídia não estão exatamente circunscritas à produção, ao consumo direto e mais à circulação” (COULDRY, 2009, p.40). Essas são soluções muito simples para encarar o problema de “viver com a mídia” ou de que a mídia está operando “através e entre lugares, de modos específicos” (COULDRY, 2010a, p. 290). O olhar do pesquisador, segundo Couldry (2010b, p. 54), deve dirigir-se “às dinâmicas mais abrangentes que estão moldando o cenário

no qual produção e consumo da mídia ocorrem”. Nessa direção é que esse mesmo autor (COULDRY, 2000 e 2005) destaca uma preocupação com a construção social do indivíduo.

Assim, do nosso ponto de vista, tanto interessa estudar as formações sociais e o papel da mídia na ordenação geral da vida social, isto é, a coesão cultural no nível de uma estruturação mais ampla, quanto à relação dos indivíduos com o espaço social e cultural e como eles são produzidos subjetivamente por essas relações sociais.

Se somos sérios no estudo da cultura, não podemos esquivar-nos de ouvir a voz individual. Já discuti isso, negativamente, contra uma vertente mais antiga de estudos culturais britânicos, mas aqui gostaria de colocar o tema de modo mais positivo através de exemplos específicos onde a perspectiva individual sobre a cultura faz a diferença (COULDRY, 2000, p. 52).

Desse modo, há uma clara indicação de que a voz de cada pessoa conta e deveria ser tomada como princípio para desenvolver análises da cultura. Essa primeira indicação teórica articulada a outra de Richard Johnson (1999, p. 95) que reivindica a vigência de uma “autoprodução discursiva dos sujeitos”, viabilizada mediante a “forma de histórias e memórias”, constitui o *insight* que nos move nesta etapa da investigação.

Ao tomar essa ideia como uma das balizas de nossa pesquisa empírica, podemos pensar a narração como uma forma básica de organização da subjetividade e a própria narrativa não apenas refletindo ou reportando a experiência, mas também a produzindo.

Se nós as tratarmos [as narrativas] não como arquétipos, mas como construções historicamente produzidas, as possibilidades de um estudo concreto, produtivo, em uma gama ampla de materiais, são imensas. Pois as estórias, obviamente, não se apresentam apenas na forma de ficções literárias ou filmicas: elas se apresentam também na conversação diária, nos futuros imaginados e nas projeções cotidianas de todos nós, bem como na construção – através de memórias e histórias – de identidades individuais e coletivas” (JOHNSON, 1999, p. 69).

Por essa razão, assumimos que ao coletar histórias de vida, obtidas mediante entrevistas biográficas, estamos reunindo narrativas identitárias reveladoras de um modo específico de ser que se constitui no próprio ato do relato. Contudo, outras questões estão envolvidas nessas histórias, para além do envolvimento do narrador-individual, em especial a cultura e a estruturação da sociedade.

Exploração empírica

Nessa etapa, optamos por implementar uma única estratégia metodológica⁵. Esta consistiu em solicitar às entrevistadas que contassem sua vida. Essa forma de condução permitiu esquivar-se de uma indagação direta sobre

⁵ A primeira entrada em campo foi discutida e problematizada em ESCOSTEGUY; SIFUENTES; SILVEIRA; OLIVEIRA; BRAUN, 2012.

o que de fato é nossa preocupação na presente investigação: a presença da mídia na configuração de modos de ser. No momento em que preferimos uma conversa, um dialogar com essas mulheres, destaca-se a importância de permitir às informantes que elas indiquem em que dimensão a mídia faz parte do seu dia a dia, sem imposição do tema.

Para a escolha das mulheres entrevistadas, usamos como critério que essas ocupassem postos que não exigem uma qualificação formal. Isso porque tais atividades são pouco valorizadas na sociedade, da mesma forma que não exigem habilidades e conhecimentos formais que dependam de formação específica. Nessa entrada em campo, optamos por constituir um grupo homogêneo, restringindo a área de atuação das entrevistadas ao setor de serviços de embelezamento. Assim, todas têm como profissão alguma atividade manual, independente da renda obtida. Vale salientar que, embora elas possam ter alguma formação, essa não é um pré-requisito para o desempenho de sua função. Dentro desses parâmetros, um total de seis mulheres foi entrevistado. Todas contaram suas histórias, assumindo cada uma seu próprio ponto de partida.

A cabeleireira Luciana foi entrevistada no próprio salão que é de sua propriedade. Sua história teve como ponto de partida a trajetória profissional, isto é, desde o início de sua atuação no comércio até a conquista do seu próprio negócio. Augusta é outra informante proprietária de salão que funciona na sua própria casa onde, também, foi entrevistada. Ela atua como cabeleireira, massagista e depiladora. Em sua história de vida, destacou sempre aspectos positivos de sua trajetória, tendo iniciado seu relato através da forma como se vê no presente e dando ênfase ao seu trabalho.

A entrevista de Denise, uma depiladora, aconteceu na casa da entrevistada, já que ela é uma profissional conhecida da entrevistadora. Denise iniciou sua história contando sobre sua insatisfação com o local onde nasceu no interior do estado do Rio Grande do Sul (Brasil). Essa insatisfação apareceu como a força motivadora das mudanças realizadas na sua vida. Denise foi mãe solteira muito jovem e, por isso, juntamente com sua vontade de deixar a cidade natal, começou a trabalhar por volta dos 16 anos.

Marisa, outra cabeleireira, e Vani, uma manicure, foram entrevistadas nos respectivos lugares onde trabalham. Marisa iniciou sua narrativa no presente, ou seja, falando o quanto se encontra satisfeita com a própria vida na atualidade. Já Vani iniciou sua narração pela infância, mais especificamente, pelo momento em que foi “dada” pelos pais para os seus avós. Por fim, a manicure Glaura foi entrevistada na praça que fica em frente ao salão onde trabalha, iniciando sua história de vida com o nascimento precoce do primeiro filho.

Depois da narração das histórias pessoais, registrada em um único encontro, foi marcado um segundo. Nesse foi aplicado um questionário socioeconômico, contendo perguntas sobre consumo e hábitos relacionados à mídia, dado que não se indagou diretamente sobre a presença dessa na vida das informantes. Esse instrumento foi idealizado a partir da primeira experiência em campo onde se observou a necessidade de coletar informações em

relação aos “capitais econômico e cultural”, dado que a concepção de classe utilizada é constituída por esses dois vetores⁶. Nesse sentido, foi preparado um roteiro de questões para dar conta das respectivas histórias familiares em relação à vida econômico-financeira, bem como à vida escolar e educacional das informantes e de seus familiares – tanto dos seus pais quanto dos seus filhos. Contudo, nem todas as informantes concordaram com esse reencontro. Por isso, apesar de termos reunido seis narrativas identitárias, temos apenas quatro questionários socioeconômicos com tais dados⁷.

Entre as quatro entrevistadas que responderam o questionário - Marisa, Denise, Vani e Luciana, apenas Marisa tem ensino superior e especialização. Contudo, ao contar sua vida, Glaura que se recusou a responder o questionário, diz que tem o ensino superior completo. Duas das que responderam o questionário possuem o ensino médio, Denise e Luciana, e apenas uma concluiu apenas o ensino fundamental, Vani. Todas estudaram em escola pública. A exceção é o curso do ensino superior e a especialização de Marisa. Em relação aos pais das entrevistadas, todos possuem nível de escolaridade inferior ao das filhas. Entre os filhos das informantes, a maior parte ainda frequenta a escola. Apenas um filho de Marisa cursou o ensino superior e outro, ainda, está cursando a faculdade. Ambos em escolas particulares.

Todas fizeram curso profissionalizante de cabeleireira. Além desse, Luciana e Denise possuem curso de estética. Denise e Vani profissionalizaram-se, também, em massagem e depilação. Vani fez curso específico de manicure e de esterilização de materiais. Além dos cursos na área em que atuam, as informantes fizeram também outros, como informática (Denise, Luciana e Vani), inglês (Marisa e Luciana), vendas (Denise e Luciana), técnico em Nutrição, pintura em camiseta e pano de prato, tricô e crochê (Vani).

As mídias mais consumidas são TV (Denise, Luciana, Marisa), jornal (Denise, Marisa, Vani), internet (Denise, Luciana, Marisa) e revista (Denise, Marisa, Vani). Apenas uma (Luciana) ouve rádio com frequência. Os meios de comunicação, especialmente jornais e revistas, costumam ser consumidos no salão de beleza, onde passam grande parte do dia. Já em relação à TV, dizem assisti-la em casa, local onde também se dá o acesso à internet, embora nos respectivos ambientes de trabalho a TV ocupe um lugar de destaque e esteja com frequência ligada⁸.

À moda de conclusão

Das seis entrevistadas, quatro iniciaram suas narrativas no passado e duas delas no presente, Marisa e Augusta. No passado, mencionado pelas entrevistadas, não estão, necessariamente, referências envolvendo suas origens familiares e suas heranças desse tempo (por exemplo, onde nasceram, quem são seus pais) e, sim, fatos marcantes. Por exemplo, Glaura que inicia pelo nascimento precoce do primeiro filho; Luciana que se refere ao passado profissional como trabalhadora no comércio, ou ainda, Denise que destaca sua insatisfação com a origem no interior do estado do Rio Grande do Sul.

⁶ Discutimos como se está entendendo as relações de classe e gênero em ESCOSTEGUY; SIFUENTES, 2011.

⁷ Procuradas diversas vezes, Glaura e Augusta, primeiro, tentaram adiar o encontro para responder ao questionário, depois recusaram-se a fazê-lo.

⁸ Somente em um dos salões visitados não foi observada a presença da TV.

Eu casei quando eu tinha 15 anos, tive meu filho quando eu tinha 15 anos, o primeiro, tem 16 anos, hoje; tenho outro menino de 11 anos; sou casada, quer dizer, casei e me separei há três anos atrás. Glaura

Bom, tudo começou quando eu trabalhei, de três a quatro anos no comércio, tá. Só que no comércio, assim, tu trabalha, trabalha e o teu trabalho não é reconhecido. Ou tu trabalha de caixa, ou, às vezes, tu trabalha de gerente ou subgerente e não ganha como tal. Luciana

⁷ Cinco do total de seis.

Das duas informantes que iniciam seus relatos no presente, Augusta fala como se vê no momento de realização da entrevista, dando ênfase ao seu trabalho e destacando o quanto sua vida é “maravilhosa”: “Eu sou uma pessoa feliz. Trabalho. Tenho um trabalho maravilhoso que eu gosto de fazer, tudo o que eu faço, eu adoro”. Marisa, também, inicia seu relato de modo bem positivo, destacando a família, como ponto de partida, embora o restante do fio condutor de sua história seja sua carreira profissional:

Então, assim... a minha vida eu acho que é maravilhosa. Eu não tenho queixa nenhuma de... (pausa). Sou a filha única mulher... Eu tenho quatro irmãos. Já faleceu um, o mais velho. E, sempre fui bem criada, bem educada. Meus pais tinham condições. Então, assim, não tive muita dificuldade, não.

Apesar desses dois últimos relatos partirem do momento atual, é possível afirmar que todas as histórias mostram-se mais como narrativas em retrospectiva, envolvendo um processo de reflexão entre passado e presente.

Nas narrativas coletadas, observamos que todas têm um forte apelo sentimental, sobretudo, relacionado com a vida amorosa e familiar, onde nenhuma circunstância de caráter social ou econômica é lembrada como impedimento para a realização de sonhos. Por exemplo, três histórias destacam o universo que envolve os filhos e duas salientam questões afetivas e amorosas, envolvendo a “relação com o ex-marido” e a “separação”.

Do conjunto das narrativas, percebemos que quase todas estão⁷, fundamentalmente, centradas no trabalho. O destaque que o trabalho ganha na vida de algumas dessas mulheres pode-se supor que esteja ligado àquilo que ele trouxe à vida delas. Através dele, elas obtiveram ascensão social e, sobretudo, ingressaram em um novo patamar de consumo. O trabalho, ainda, lhes proporciona uma espécie de autorização à liberdade.

Ao contarem suas histórias, todas as entrevistadas falam, fundamentalmente, na primeira pessoa do singular. As narradoras se colocam sempre no centro de suas histórias. E, mesmo os revezes – maternidade precoce (Glaura e Denise), doenças e separação (Vani), divórcio (Marisa), excesso de mudanças de cidades em função dos companheiros (Glaura e Denise) ou a morte de um familiar (Glaura e Marisa) aparecem como rupturas motivadoras para que elas sigam adiante. Nenhuma delas mostra comisseração diante de tais percalços, ao contrário. Após os obstáculos e infortúnios, todas fazem questão de destacar sua motivação para seguir adiante. Assim, essas narrativas revelam-se como histórias de superação e invariavelmente têm um desfecho positivo e um efeito edificante.

Até o momento, identificamos pelo menos três pontos em comum entre as narrativas coletadas. Em primeiro lugar, ficou evidente que ao contarem suas histórias, as mulheres destacaram seu protagonismo diante dos revezes da vida, apresentando-se como heroínas do seu enredo. Em segundo, a centralidade que o trabalho ganha na narrativa dessas mulheres evidencia um sentimento de autorreconhecimento, associando-se a uma espécie de “autorização” à liberdade que ele proporciona. Por último, a família aparece em todas as narrativas como um momento em que as mulheres passam de uma noção de individualidade para uma noção de pertença a uma coletividade.

Embora esta seja uma pesquisa ainda em desenvolvimento, percebemos uma convergência entre os valores em destaque nas narrativas das informantes de nossa pesquisa e aqueles presentes em muitos relatos pessoais que circulam na mídia *mainstream*, em especial na televisão que justamente é um dos meios mais mencionado e presente na vida das entrevistadas. Neste momento, valemo-nos para sustentar tal afirmação, por exemplo, de uma análise do programa Casos de Família (SBT), baseado em relatos de anônimos de seus dramas privados. Esse estudo destaca que entre as questões mais constantemente enfocadas pelo programa estão as desilusões amorosas, bem como entre suas conclusões que “o enquadramento discursivo de Casos de Família dá a impressão de que a vida familiar é condicionada apenas e tão somente por fatores internos (emoções e sentimentos, configurados como social e culturalmente desenraizados)” (FREIRE FILHO et al., 2008, p.14). Portanto, não vemos diferenças significativas entre as histórias coletadas na nossa investigação e aquelas que são postas em circulação pelo referido programa.

Considerando que, na atualidade, as narrativas pessoais midiáticas (ESCOSTEGUY, 2011) são, fundamentalmente, histórias de sucesso, de autoafirmação e de superação, todas fundamentalmente calcadas em sentimentos e emoções, tais relatos estariam posicionando as mulheres na mesma direção subjetiva. No entanto, os atravessamentos entre as narrativas pessoais midiáticas e as vozes das informantes, expressos pela incorporação desse tipo de convenção cultural presente tanto na mídia quanto nas narrativas identitárias, não podem ser compreendidos através de uma lógica linear e de mão única, isto é, decorrentes de alterações provocadas diretamente pela mídia nos agentes sociais. Ao contrário, trata-se de um processo que será melhor compreendido se visto pelo prisma do conceito de mediação que “ênfatiza a heterogeneidade de transformações que a mídia ocasiona de um lado a outro de um espaço social dividido e complexo (...)” (COULDRY, 2008, p. 375). Além disso, diz respeito a consequências de longo-alcance e à uma dinâmica multidirecional.

De toda forma, a similitude anotada entre as narrativas identitárias das mulheres entrevistadas e certas narrativas pessoais midiáticas motiva a próxima etapa desta pesquisa que objetiva concentrar-se especificamente em narrativas de mulheres, postas em circulação numa seção específica, Retratos de Vida, de um jornal popular diário, da região Sul, denominado Diário Gaúcho. A pretensão é aprofundar a investigação sobre os entrecruzamentos entre indivíduos e mídia como indicativos de processos culturais maiores e mais abrangentes, capturando a presença fluida e penetrante da mídia na construção das subjetividades.

Referências

BEAUD, Stéphane e WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo – Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BIRD, Elizabeth S. *The audience in everyday life: Living in a media world*. Nova York/Londres: Routledge, 2003.

COULDRY, Nick. The individual ‘in’culture. In COULDRY, N. *Inside culture – Re-imagining the method of cultural studies*. Londres: Sage, 2000.

_____. The individual point of view: Learning from Bourdieu’s *The Weight of the World*. *Critical Studies – Critical Methodologies*, vol. 5, n 3, p. 354-372, 2005.

_____. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergente space of digital storytelling. *New Media & Society*, v. 10, n3, p. 373-391, 2008.

_____. My media studies: Thoughts from Nick Couldry. *Television & New Media*, v.10, n.1, p. 40-42, 2009.

_____. Depoimento de Nick Couldry. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latinoamericana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a, p. 283-296. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/35295718/Cartografias-dos-estudos-culturais-Uma-versao-latino-americana> Acesso em: 15 abr 2011.

_____. A mídia tem futuro? *Matrizes*, São Paulo, v.4, n.1, p. 51-64, 2010b.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina e SIFUENTES, Lírian. As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia: apontamentos teóricos. *Revista e-compós*, vol. 14, n 2, p. 1-13, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Narrativas pessoais midiaticizadas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia. *Revista Famecos*, v. 18, n. 1, p. 198-211, Porto Alegre, 2011.

ESCOSTEGUY; SIFUENTES; SILVEIRA; OLIVEIRA; BRAUN. Mídia e identidade de mulheres destituídas: uma discussão metodológica. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 23, p. 153-164, jun. 2012.

FREIRE FILHO, J., CASTELLANO, M. e FRAGA, I. “Essa tal de sociedade não existe...”: o privado, o popular e o perito no talk show Casos de Família. *Revista e-compós*, vol. 11, n2, p. 1-19, maio/ago. 2008.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? [1986]. In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.) *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Secularización, desencanto y reencantamiento massmediático. *Revista Dia-logos de la Comunicación*, 41, 1995, p. 71-81.

SILVERSTONE, Roger. The sociology of mediation and communication. In: CALHOUN, Craig; ROJEK, Chris; TURNER, B. (org). *The Sage Handbook of Sociology*. Londres: Sage, 2005.